

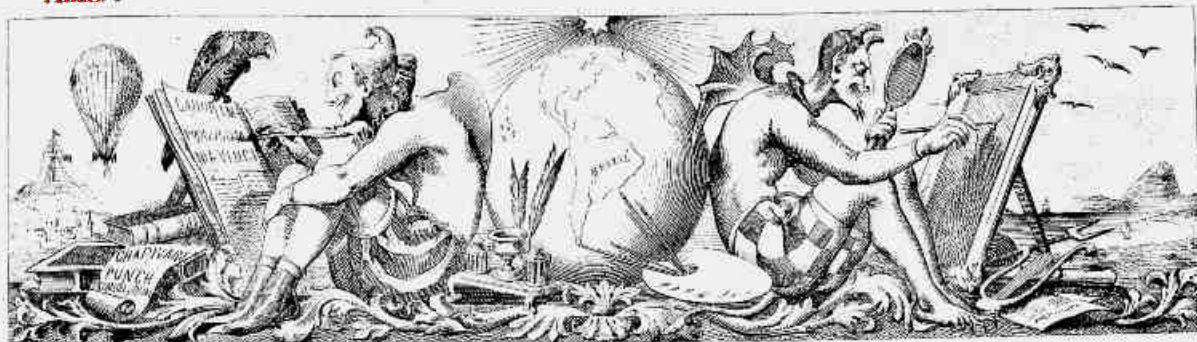
A COMEDIA SOCIAL



Anno I

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº35



Advertancia

Wale-se a quem q'quiera remittir artigos ou diuicias para a
Comedia Social, se dispõe de remittir-as a t'p'p'p' - Rua
dothezaro 126, 113, Paudas, onde se recebem assignaturas.)

Preço das Assignaturas

CORTE E MITHURON

Anno ☐ 81 < 8 10 00
Semestre ☐ 41 < 4 10 00
Numero Anual ☐ 1 < 1 00 00

Para assignaturas

Anno ☐ 0 < 10 00
Semestre ☐ 0 < 5 00 00

Programa

A Comedia Social tem por fim principal a ridiculizacao do povo e sua ignorancia politica, intellectual e moral, e a critica dos seus costumes, e a exposicao dos seus vicios e defeitos. O meio que emprega e a caricatura, e a critica satirica do povo e da sociedade. A Comedia Social e a critica do povo e da sociedade. A Comedia Social e a critica do povo e da sociedade.



Dizem os entendidos que, com as ultimas noticias da guerra, os fundos francezes tem baixado, e os allemoos levantado consideravelmente.

A COMEDIA SOCIAL

RIO DE JANEIRO, 29 DE SETEMBRO DE 1870

O nosso theatro.

I.

A decadência ou, diremos, a degradação da arte dramática no Rio de Janeiro nunca se mostrou tão patente e lamentável.

Quem quer que fossem as razões do atraso d'esse arte no Brasil o *Alcazar* chamava de pols. *Theatro Lyrico Francez* adiantou a sua ruína que se completou pela exploração dos descomedimentos scenicos.

A escola do Alcazar deu um resultado, em seguida a exposição do que não se deve exportar e a *possessão* que não se devem tomar em publico e que os artistas francezes ensinaram, a linguagem pouco decorosa, os trocadilhos indoveritês e as vezes a nítida mais ou menos escandalosa. Esse veneno dos costumes deu-se ao povo em veliculas de musicos de Olfenbach.

Eis ali o que fez o *Mrazar* ou o *Theatro Lyrico Francez*.

II.

É verdade que a contemporânea de esportadores, negando-se a render as representações d'arte aliens dos nossos theatros: duas ou tres vezes por semana, atraindo todos os nobres da semana para o Alcazar; isso porém ainda não indicava corrupção do gosto. A razão era simples.

Nos nossos theatros eram raras as verdadeiras interpretações das boas composições dramáticas, e no Alcazar sobravam admiráveis interpretações da desenvoltura do publico; pois foi desertando donde poucos havia que soubessem exprimir com verdade os sentimentos, para onde principalmente muitos havia que fallavam com a maior verdade nos sentidos.

E o gosto do nosso publico se corrompeu.

III.

Que fazem hoje as empresas dramáticas que ha no Rio de Janeiro? ... imitam mais ou menos o Alcazar para ganhar dinheiro, e se algumas vezes voltam ao drama ou á comedia da verdadeira escola, tornam em breve as imitações do Alcazar, que lhes dão muito mais lucro e natural que assim pftcedam.

E a intelligência de excellentes escriptores se violenta;

E artistas de incontestável merecimento se estragam;

E o que sobre tudo é muito mais grave, a corrupção da scena vai corrompendo cada vez mais o gosto, e consequentemente os costumes do povo.

IV.

Que o theatro influir poderosamente sobre os costumes e sobre a moralidade do povo, ninguém ha que se lembre de contestar.

Que nenhum dos actores empresarios ou chefes de empresas dramaticas possa regenerar o theatro ou crear uma companhia normal, é positivo; porque se algum d'elles o quizesse fazer por si e com dedicação conscienciosa, morrendo de fome antes de chegar ao fim da obra.

Que em tal caso e pela mesma razão não haverá quem se anime eache companheiros accionistas que o ajudem a fundar uma sociedade para satisfazer aquella grande necessidade da capital do império, é ponto sobre que não se discute mais.

Que todavia a civilização, a arte, e as mais altas considerações moraes e politicas exigem urgentemente que se reforme e regenere o nosso theatro dramático, é o que desde muito tempo está entando pelos olhos de todos,

V.

Mas que tem que ver o governo do estado com o theatro? ...

Pois theatro é eleição? ...

E' arranjo de parentes? ...

História de um casamento.

Ha gosto muito das casas de rotula.

Porque? perguntarão os leitores.

Por muitos motivos: 1.º porque essa a minha vontade, como a vontade de um cidadão é livre, estou no meu direito constitucional pensando assim; 2.º porque tenho gosto, e o meu bom gosto posso applicar-o a que muito bem quizer; 3.º porque as casas que tem rotulas ordinariamente não são sobrados, do mesmo modo que os sobrados em geral não são casas térreas; 4.º e ultimo, porque fui em limo rotula que originou-se a verdade historica que vou contar.

A vista dessas razões, estou que a leitor, convencido do que digo, libe, concordando comigo, partilhe de minha sympathia e continue a ler.

Ora lá v. o caso:

Era um dia D. Cocota, que pelo nome logo se percebe que é moço. Xão disse nada sobre a belleza, porque nunca a vi, mas não era feia, e não posso ficar.

D. Cocota gostava de namorar. O namoro é coisa muito innocente, por isso D. Cocota gostou de namorar.

Ora o Antonio da vendida esquerda, porque leitor sabe que em cada canto de rua sempre existe uma vendida, era salteiro e não tio velho que devesse deter suas ideas maltrinuiaes, por isso se-lhe permittiu aspirar a mão de D. Cocota.

O pai do moço era um honesto contador de uma repartição publica; homem que já dobrara o cabo, palusco fora de casa, mas dentro debia, rabugento e teimoso.

Uma das tripas era proleto que a filha chegasse de tarde á janella; consentiu porém, em compensação, que elle espiasse pela rotula.

Logo por isso mesmo que D. Cocota namorava. Através das grades do pai elle arranjasse perfeitamente, a rapaziada sabia a hora e não faltava.

Mas o que fazia o pai? Eu vou dizer; não me faço de rogado.

O Sr. Anacleto, ao voltar da repartição, jantava. O leitor sabe, não não sabe não; culpa minha, que o jantar é uma excellentissima coisa. E o Sr. Anacleto depois do jantar reclinasse no sofá da sala onde começava a ler o *Jornal do Commercio*, percontava com os olhos a gazetilha, cobrinharia, os convites para missas fúnebres e passava aos vende-se e alugue-se. Ali o jornal escapava-lhe das mãos pela muito simples razão de que o honrado velho dormia a sonno; sóto ali ás 8 horas justas. O relógio do Monvauit não em mais certo do que a sêda do Sr. Anacleto.

Era neste intervallo que D. Cocota namorava.

A familia componhase, além (estas duas pessoas, de uma negra velha e zurella, que vigiava Cocota durante o dia, e de um galo malhado.

O Antonio da vendida não é personagem sem importância.

E em suas mãos que são depositadas as chaves das casas para alugar, do quarteirão; elle empresta o jornal a toda a vizinhança. Ha com prudencia a sua parte de familia em apuros, compra papeis vellos e as latas vazias de goiabada ás vizinhanças. E' um homem servicial por excellencia.

Um dia Anacleto entrou em casa de sacacraga.

Sentouse á mesa e:

— *Antônio* o grilou, vai ali dizer ao Sr. Antonio da vendida que chegou cá.

Um quarto de hora depois, um — *ô, licença* — appareceu a chegada do honrado negociante de seccos molhados.

— Chegou, Sr. Antonio, chegou. Tentei que lhe fallar, Sr. quer servir-se, não faça cerimonia.

— Obrigado, já jantei.

— Então abanque-se aqui ao pé do mim. O Sr. é um homem honrado, não é assim, Sr. Antonio? ...

— *ô, Sr. Silva*, seu criado, conchou o negociante, inclinándose respeitavelmente.

Anacleto tossiu, e continuou.

— *Pois* contar com sua amizade?

— *ô, Sr. Anacleto*, essa é boa, o Sr. é meu freguez

ha tantos annos.

— *Pois*, bem. Disse-me hoje na repartição um collega, que costuma andar por aqui á tardinha em rancho de janotas, vadios e que causa disto em minha filha.

— *ô, papai?*... exclamou D. Cocota, que nesta occasião pedia com toda a innocencia uma laranja.

— *Item* sei que não se ta: graças ás precauções que tenho tomado, minha casa está salva da maledicencia do mundo; mas não quero que por ali falem, e por isso, eu mandei lhe pedir que chegasse ali aqui para lhe perguntar se sabia qual era a seniguita que...

— Não, cobrego, Sr. Anacleto, nem sei quem seja, interrompeu conscienciosamente Antonio olhando da esguelha para Cocota, serena e imperturbável.

— *Pois*, meu amigo, peça-lhe que procure ver, porque... acabou no ouvido de Antonio: isto de moças... érem ares do diabo e, pelo sim pelo não, a minha vai agora mesmo para cá da tia.

D. Cocota do seu lugar ouvia o segredo melhor do que o pajoto negociante de seccos e molhados.

O velho desconfiava e acendia uma vela a Deus e outra ao diabo.

— Mas onde está a minha boceta? disse Anacleto, querem ver que a deixei na sala? ...

— *ô, vou ver, papai?*...

— Não, Januaria? ...

— *Januaria* sabia.

— Então vou eu mesmo.

Era a maior paja de contagem que elle podia dar ao Sr. Antonio, deixando-o a sós com Cocota.

O homem estava em mangas de camisa, conforme o uniforme do serviço. Levantando-se da cadeira disse com ar resolutivo:

— *ô, menina*, quer casar comigo?

Cocota que estava dando um pedaço de carne ao galo, olhou-o como que não comprehendido, e depois com um desses risinhos que só as moças sabem dar:

— Quer, disse.

— *Perdi* a boceta, exclamou Anacleto, entrando na sala.

O Sr. Antonio despediu-se do honrado, continuo, e saiu.

Dois horas depois Anacleto recebeu a seguinte carta:

— *Item*, Sr. Anacleto, — *isto* de homem, salteiro é como viro sem poder; V. S. me conhece e sabe que seu rapaz de boas qualidades, graças a Deus, quanto ao meu com portamento pode indagar das seguintes pessoas:

— Antonio Maria, combija de ferro na praça do Santo N. 214.

— Manoel dos Queixos, barbeiro e capelleiro e também exalbe dentes, morador á rua de Santa Rosa n. 59.

— Francisco Queimado, com fabrica de remeiros e meias sob: no largo do Prohibido n. 127 A.

— Todos estes são meus compadres e não do fallar a V. S. Por isto peço a mão da senhora sua filha, D. Maria...

— *Ser*, serve. — *Antonio* José da Silva & C. s.

— *ô* que é isto? ... *ô* Cocota! exclamou Anacleto.

— *ô* que é, papai? ...

— *Ant*, cá! ...

Cocota correu...

— *ô* isto...

Depois de dois segundos:

— *ô*, *ô*, papai.

— *Então?*

— *Então*, o que? Papai responde.

— *ô* que hei de responder?

— *Que* eu quero.

— *ô* quees? ...

— *ô* porque não. Sou moço, e vou, pois em casa como um freixo, por isso...

— Mas, minha filha?

— *ô* senhor agora mostre-se muito tempo para mim; quer que eu fique velha?

— *ô* tu queres, não é assim? é do teu gosto?

O velho foi á rotula, abriu-a com impeto.

— *ô* senhor! ...

O Antonio estava á porta negociando um feixe de lenha. Rôgem a cabeça.

— *Então?* perguntou.

— *Sim*, o Sr. mesmo! *ô* favor.

— *ô* vou, Sr. Anacleto.

Recebeu os cobres e atravessou a rua.

— *Então?*

— *Mis*, senhor...

— *Então*, *ô* Sr. disse.

O homem entrou.

— *ô* a minha filha quer casar-se com o senhor, corrie! ... Agora retire-se...

Cocota não se.

Um mez depois todos as tardes D. Cocota pedia-se a janella em plena emancipação paterna.

Ella exigira ficar morando, rumo Ananibon, e enquanto o marido trabalhava, as moças em, elle, ella sem malícia para os que passavam.

L. L.

A vocação de Sitty

CAPÍTULO I.

(Continuação.)

«Ez também o creio; não desejo parecer desatrazado, nem faltar de hospitalidade; mas confesso que olho com muita satisfação para o facto de ir de novo estar sozinho em minha casinha campestre com minha mulher.»

«Como pôde ser você tão farto de sentimentos, Roberto? Não pensa no que ha de acontecer quando elles forem-se embora? O senhoro não verá mais a Mimosa, e ficaremos sem uma senhora n'aquelle solar.»

«Ah! Já vou percebendo! Não é só o amor do senhoro que actua em nós, também pensamos um pouco nas nossas pessoas.»

«Ora, saia-se d'ahi, Roberto; como não está agora presente, diga-me que você está muito provocado.»

Mimosa eu já foras-se embora, e o senhoro ficou solitário e triste.

Mas Roberto ficou bem perturbado pela sua falta de sympathia; pois o pobre senhoro estava rente em nossa casa, de manhã, ao meio dia e à noite.

Vinha elle da manhã para perguntar se tinhamos recebido noticias d'ella. Vinha ao meio dia para fallar a seu respeito e vinha de noite para perguntar-me se eu lhe havia escripto.

Até então apresentava eu o senhoro aos olhos do publico como de qualidades ou virtudes negativas.

Felizmente posso dizer que elle não era tão differente do resto do mundo que não tivesse alguma particularidade ou virtude. Escreveu com a meliocardia a melhor carta que um homem podia escrever.

Lembrando-me d'isso, dei a perceber a idea de comegar elle uma correspondencia com Mimosa, mandando a primeira carta com endereço ao avô. Não devia ser uma carta de namorado, mas somente uma carta amigavel e de conversação divertida.

«Coitado do pobre senhoro», disse o amigo, ao ver o papel com esta proposta como uma figura magra e esfomeada, esperando ansiosamente versar um papo quente do forno. «Como pôde elle escrever coisa alguma ou em ac de palestra!»

Contudo escreveu, e trouxe-me a carta para ler.

Mimosa não respondeu a carta por alguns dias. Pensei que o pobre do senhoro se transformasse em ar rarefeito; mas depois de ter escripto seis cartas pelo menos, recebeu uma em resposta.

Havia uma alegria solemne no seu rosto, quando appareceu com a carta bem guardada na algibeira de dentro do seu paletot alhoatado. Tirou-a do bolso, contou um um homem podendo tirar um thesouro que algum outro jamais possuia ou possuia.

«E certo», disse elle, entregando-me, ao mesmo tempo dando um estalo com a lingua, como o faria uma criança ao ver uma caixa de ameixas cobenas. Coitado do nosso caro senhoro! como disse eu a Roberto.

(Continua.)

RECADOS DOS AMIGOS

Aqui vai!

No Brasil — o paz das coisas raras —
Tudo as magens quebras de toda a forma
Por absurda, ou pelo, são resolvidas;
E, com as estranhas e raras temos por norma;

No Brasil, onde abundam estatistas,
Santos e Rothschilds improvisados,
Geneves do parer, parer e deitadas;
Yaulblaus, Descartes e outros eguallados;

No Brasil, onde freixo e a sés vegeta
Quem não sabe agitar-se ao modernismo,
Quem não é do mudo, ou que aleado
Nou tem, que, sobre o filitismo;

No Brasil, onde meçam parasitas
Cada vez mais as grandes se amoldando;
Milhões de leges, commissarios;
Tulis, subsercinos, e esse bando;

No Brasil, onde tudo, allem, conspira
Contra a moral, virtude e sapiencia;
Dispondo a corrupção, todos e tudo,
E a ruina, local n'esta emergencia;

No Brasil, e pueris tal progresso
Na imprensa, e Clubs, e no Parlamento;
E raras nos liras, d'ouso d'esta terra,
Mas que, nem por qual-que tomam tento!

A guerra franco-prussiana.

Os guerreiros-amadores, isto é, os partidarios de França e da Prussia que temos em abundancia no Brasil, já entraram em campanha: no Pará um guerreiro-amador da França ficou sem uma orelha, e um guerreiro-amador da Prussia ficou com um olho de menos.

Descomposturas e pisebecas não têm faltado aqui na corte, e por pouco que a guerra continue na Europa, e de receio que os entusiastas de cá venham a perder, nos conflictos e nos grandes alvortes para computar a Correspondencia de P. rritual, orelhas, abas de paletot, chapéus, etc., etc.

Mas ha uma coisa que nenhum dos entusiastas, que a tanto se expõem, é capaz de perder. — É o juizo. — Porque...

Ter. Goodison.

Estamos com uma celebridade na capital com Mr. Goodison que além de engolir uma espada de ferro, canto e toca e falla de perlo e de longe pela sua maravilhosa barriga.

Cumprimentando Mr. Goodison, vamos fazer-lhe nossas cortezias em verso.

Tome leão, mister Goodison!
Ven mettesse em tudo brega;
Qu'acha aqui rivais teríveis
De gula e de torção!

Sé vora de ferro, engole
C'mo espada mala-muro,
Infronta quem não engasgue,
Engolindo burras do muro.

E se ouz a boca cerrada
Vozes cantu, falla, e intriga;
Valem mais os nossos (jurdos)
Que as almas tem na barrica.

Como alguns honores comemoram a aquiescencia.

Os officiaes de alfaiate, levando os collectes às fazendeiras, que têm filhas ou sobrinhas solteiras.

Os professores de piano, endereçando os dechnos das discipulas.

Os estudantes, sempre por todos as razões e sem razão alguma.

Os músicos-amadores, cantando duetos.

Os logistas de fazendas do sedio e lá, vendendo meias.

Os mathematicos: ninguém sabe como.

Os diplomatas, vendo uma promoção no nome da senhora.

Os médicos, tomando o pulso e examinando a lingua de doentes bonitas.

Os advogados e escriptaes, lendo inventarios nos cartorios.

O QUE VAI POR AHI

Temos tido mau tempo, proclamação da discussao do credito dos trinta e cinco mil contos e queda do ministério. Cabiu o ministério! e temo grande maioria! Que habilidade têm os legistas! Segundo elles, uma camera brasileira é a expressão da vontade nacional, e quando um ministério tem por si uma camera unanime o governo está solidamente apoiado pelo povo.

Pois bem, ministros assim sustentados pela vontade nacional deslaxam-se com a

mesma facilidade com que derrubam-se soldadinhos do chumilho. Porque será isto?

Sem duvida deve ser pela grande abnegação dos nossos homens de estado. Desajustes de verem o paz cheio de homens praticos na maneira de dar ajuda de custo, e de criar empregos rancidos e pouco laboriosos, alguns tempo depois de haverem trabalhado em matar qualquer tentativa de colonisação, e depois de um certo numero de demissões e nomeações de delegados e subdelegados, os bons dos honrões cedem o o lugar a outros que venham exercitar-se n'aquelle boas praticas.

Cabe assim um ministério, sem outro, o a presunção, classe dos legistas fica sem ter quem possa rivalisar com ella na maneira de forjar uma eleição.

A idea da criação de adjuntos de subdelegados é uma das mais felizes da actual camera. Não são bastantes os meios de coacção empregados para compenetrar a população do paz. É necessario ainda mais essa nobre corporação de adjuntos com a faculdade de fazerem accessões e demissões e dispondo de alguns outros recursos para vexarem á sociedade brasileira.

E para que não se adoptem mais algumas outras medidas, por exemplo:

1.º Fica prohibida de ser em diabo a reunião de mais de duas pessoas na rua com o fim de conversarem ou de tratarem de qualquer outro negocio.

2.º Soz ajuntamento tiver por fim assentarse n'um meio pratico e efficaz de tornar o governo sempre vencedor nas eleições, então a autoridade policial dará o seu consentimento.

3.º Todas as manhãs cada chefe de familia ou dona de casa enviara ao inspector de quartel um lista dos objectos que pretenda comprar para a sua alimentação com a declaração dos lugares em que se tem de fazer as compras.

4.º O inspector de quartel terá a faculdade de fazer n'esta lista as alterações que entender convenientes.

5.º Se o inspector for taverneiro e algum individuo do seu quartel não quizer comprar na sua venda, será este multado em dez mil reis, a primeira vez, e no dobro em caso de reincidência.

6.º Ninguém poderá casar-se sem licença do subdelegado da freguezia.

Estas disposições podem variar-se ao infinito, e o nosso paternal e solitário governo deve quanto antes publicar um regulamento a esse respeito.

Não ha coisa como a iniciativa individual. Em quanto a polia dorme a sonno solto, os lataguis não descansam.

Quando chamu lençóis a uma certa classe de cavalheiros cujo industria se exerce nos galinheiros de Catumbi ou nas cartezias que se encontram nas algibeiras dos particulares, não pretendo com isso estomagar aqueles outros senhores que não podem deixar de estar com as mãos enterradas nos coques publicos. Não, não se zanguem estes últimos senhores por eu não chamal-os lataguis. Os seus fetos são muito mais grandiosos, e sem a mesquinha de querer dar-lhes tão pida denominação.

O systema seguido no senado para proclamar uma discussao sobre assumpto de vital interesse publico mostra exuberantemente como ali no venerando recinto dos ancianos padres conscriptos, caprichos pessoais são antepostos ao bem publico. O resultado d'isso será não termos prolongando de estradas de ferro em parte alguma, nem em Minas, nem na Bahia nem em Pernambuco. Que libereis, que patricios, que principes do povo!

Typ. rua da Ajuda n. 16.



O que deverá fazer a humanidade